

Título: **A imagem, o texto e as aldeias...**

Autor: **Jorge Manuel Machado Morais**, Doutorado pela UTAD em Comunicação e Artes Visuais, docente do departamento de Artes Visuais na Escola Superior de Educação de Bragança, IPB.

Resumo:

Eugène Smith, norte-americano, fotógrafo, Jorge Dias, português, antropólogo, escritor, consumaram, quase ao mesmo tempo, um processo de análise de duas comunidades rurais distintas, que viriam a tornar-se famosas de cada um dos lados da fronteira terrestre que nos é mais próxima. A presente comunicação tem por objectivo, além de servir de evocação e efeméride, efectuar uma comparação entre as duas formas de comunicação que deram a conhecer, à sua maneira, as aldeias: a linguagem icónica e a linguagem verbal. Pretende-se introduzir alguns dados de reflexão e debate face à força da imagem na modernidade, que, em vários casos, só por si, consegue suplantar outras formas de comunicação estabelecidas e aparentemente melhor estruturadas. Problematizar, talvez, se os efeitos lobrigados na reportagem de Eugène Smith seriam hoje igualmente eficazes. Nesta comunicação serão ainda revelados alguns dados históricos e recolhidos actualmente no terreno, angariados para reforçar os propósitos enunciados, e também o perfil de militância humana, social e política dos seus autores.

Abstract:

Eugene Smith, an american photographer, Jorge Dias, portuguese, anthropologist, writer, consummated at about the same time a process of analysis of two different rural communities, who would become famous from each side of the border land which is similar to ours: This communication aims, besides serving as a reminder and ephemeris, make a comparison between the two forms of communication that made it known in their own way, the villages: the iconic language and verbal language. Intended to introduce some data for reflection and debate over the strength of the image in modernity, which in many cases, by itself, can supplant other forms of communication established and apparently better structured. Problematize, perhaps, if the purpose in the story of Eugène Smith would today be equally effective. This communication will also be revealed some historical data that is collected on the ground, raised to reinforce the stated purposes, and also the profile of militancy human, social and political of their authors.

Palavras chave: Jorge Dias, Eugène Smith, “Rio de Onor” vs “*Spanish Village*”, imagem vs texto escrito, foto-reportagem, análise de imagem.

Queria falar-vos de história e de histórias, de formas de comunicação diferentes, de celebração, de eficácia na divulgação e conhecimento de coisas anteriormente ignoradas e que, também, significam identidade e descoberta das nossas próprias raízes que dão mote orientativo a este nosso encontro.

Sensivelmente pela mesma altura, e à época em que este vosso amigo nasceu, princípio dos anos 50 do século passado, dois eventos singulares ocorreram nos dois países ibéricos, e não demasiado longe do local aonde nos encontramos (Bragança): Dois homens de grande craveira humana e grande capacidade de comunicação e expressão, um pela via da imagem fotográfica, Eugéne Smith, norte-americano, fotógrafo, outro pela via do texto escrito, Jorge Dias, português, antropólogo, consumaram um processo totalmente separado de análise de duas comunidades rurais, que viriam, por essas diferentes formas de comunicação, a tornarem-se famosas de cada um dos lados da fronteira: do lado de cá, Rio de Onor, pequena aldeia do distrito de Bragança que era praticamente desconhecida na sua singularidade de ritos e viver; do lado de lá, “*La Deleitosa*”, igualmente ignota e rica em termos sociais e humanos e perfeitamente desconhecida na lazarenta Espanha dos anos cinquenta e ainda mais no resto do mundo. A presente comunicação tem por objectivo efectuar uma comparação entre as duas formas de comunicação: a verbal e a icónica nos dois processos citados e saber quanto as duas formas foram eficazes no processo de divulgação pública de grande efeito que haveria de catapultar essas duas pequenas aldeias para os lugares mais conhecidos nos respectivos países e não só. Ousar questionar também se pela via da comunicação visual uma das aldeias, a espanhola, não terá mesmo sido mais favorecida do que a divulgada por intermédio do texto escrito convencional, a portuguesa. Os dois processos ocorrem quase na mesma altura e têm similitudes notáveis, por isso aqui os trazemos para reflexão, além de os evocar em momento de efeméride também.

Jorge Dias, antropólogo e historiador formado nos círculos da capital portuguesa ficou impressionado desde a primeira vez que visitou, a pé, já que estrada não havia, Rio de Onor. De tal modo foi esse encanto relatado no prólogo da obra monográfica que lhe dedicou, que doravante se devotou com denodo, paixão e capacidade de observação, a partilhar com o seu povo muitas das suas vivências e singularidades, acabando por aí alugar uma pequena casa para uma estadia que se prolongaria por mais de um ano (como nos relatou o residente, senhor Mariano Augusto Preto). Sensivelmente na mesma altura o norte-americano visitava a desgrenhada aldeia da extremadura espanhola, próxima ao nosso Alentejo, tendo descoberto nela encantos, ao que parece, seduzido pela ironia do próprio nome da aldeia (*La Deleitosa*), que o fizeram fixar estadia por cerca de um mês, acompanhado de um assistente e uma intérprete. Da estadia do português resultou um

celebrado produto de comunicação na forma de um livro escrito de 350 páginas com uma ou outra esporádica fotografia e que, começou por ser mais conhecido no mundo académico e ligado à cultura do que pelo povo em geral: “*Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril*” efectuando o levantamento de reminiscências de organizações colectivas e igualitárias no norte de Portugal. A ressonância da obra, embora de cariz académico, acabou por alastrar a alguns sectores da sociedade portuguesa antes e depois da Revolução do Vinte e Cinco de Abril. Constituía-se como um trabalho de campo inovador no contexto da nova etnografia em Portugal que, lentamente, foi criando e projectando sementes. Configurava nos estudiosos e leitores a aldeia como um misto de “*bucolismo e harmonia social*” como refere Macagno (2002, p.113)¹ o que começava a ser valorizado pela sociedade a que aportavam lentamente modelos de aridez comportamentais e de fria tecnologia e, este factor, começou a motivar outros cidadãos desejosos de simplicidade e autenticidade até ao ponto em que a aldeia se tornou muito conhecida. Pereira (2007, p. 36)² refere-se aos “*traços de comunitarismo, celebrizados pelos estudos do etnólogo Jorge Dias*”. A aldeia portuguesa tinha ainda a particularidade de possuir uma irmã gémea, apenas separada por um pequeno riacho que faz formalmente a fronteira entre Portugal e Espanha, e que se chama homonimamente Riohonor, ou Rio de Onor de cima, como preferem os residentes locais. Tal aldeia comungava dos mesmos traços evidenciados no estudo e as suas populações viviam, a vários níveis, de modo harmonioso.

Com o decorrer do tempo a ignota aldeia tornou-se no povo mais conhecido do Nordeste Transmontano. Para Jorge Dias o conhecimento da cultura da aldeia seria uma espécie de paradigma que corporizava a própria ideia das raízes e identidade para um povo ou país, como refere ainda Macagno (*ibid.* 98)³. Rio de Onor, com esta publicação inaugural adquiriu a certa altura também para muitos portugueses um “peso simbólico” a que um outro seu estudioso, Pais de Brito, chama na sua tese de Doutoramento de “*efeito de Rio de Onor*” que se refere à atracção que, por aquela via, passou a exercer para terceiros, permitindo uma maior sobrevivência para os próprios usos e costumes locais. Também Tiza⁴ defende que a divulgação bibliográfica,

¹ Macagno, Lorenzo, Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique, *Afro-Ásia*, 28 (2002, 97-124)

² Pereira, Ana Cristina Pereira, 2007. Uma aldeia Europeia à espera de Bruxelas”. *Revista Pública*, pág. 36.

³ “... existiria um carácter nacional cujo núcleo essencial podia ser encontrado nas aldeias do norte de Portugal.” E ainda que “o estudo de pequenas comunidade ofereceria, segundo Dias, elementos fundamentais, não só para entender a cultura portuguesa, em geral, e o carácter nacional português, em particular, e mas sobretudo, e além disto, entender a relação dos Portugueses com outros povos...”

⁴ Tiza, António André Pinelo (s.d.), *FORMAS DE COMUNITARISMO*. iii volume do Dicionário dos mais ilustres Trasmontanos e Alto Durienses. Guimarães. Editora cidade Berço.

particularmente a de Jorge Dias “*contribuiu para a conservação do seu "status" antropológico*. Pode lobrigar-se também até que ponto esta sensibilidade e efeito não terá contribuído um pouco mais tarde para a realização de grandes obras de cariz artístico e cultural que, na região mais ampla de Trás-os-Montes, se realizaram: os filmes “Trás-os-Montes”, de António Reis e Margarida Cordeiro, “Máscaras” de Noémia Delgado, Veredas de “João César Monteiro”...

Sobre o livro em si, resta dizer que é essencialmente constituído por texto e as suas fotografias (ao menos a edição mais recente, de 1984) são meramente documentais e a qualidade da sua impressão, deixa bastante a desejar se comparadas com a reportagem impressa na revista Life. À parte o testemunho metodologicamente estruturado com princípios académicos, detalhados, sociológica e politicamente orientados, as ilustrações e desenhos feitos pelo companheiro e mestre Fernando Galhano, são o que, em termos populares, pode ser mais acessível ao grande público contribuindo possivelmente para uma maior acessibilidade de divulgação. Graficamente, porém, não é uma grande obra, parecendo que os arranjos editoriais posteriores ao próprio trabalho académico em si não contribuem muito para os favores do grande público. Mas a substância da obra, transmitida essencialmente pelo texto escrito, era, de facto, muita, e isso fez com que lentamente uma onda fosse crescendo ao longo do tempo, conferindo interesse fosse ele mera curiosidade quase folclórica pela aldeia fosse motivação e estímulo para descobrir algo verdadeiramente novo.

Segundo testemunho recolhido em 16 de Fevereiro último da boca do senhor Mariano Augusto Preto, de 79 anos de idade, que sempre residiu na aldeia e conheceu o próprio Jorge Dias, o grande pulo publicitário sobre a aldeia e o seu modo de ser “*pode-se dizer que aconteceu de facto com o livro de Jorge Dias ... Jorge Dias espalhou lentamente a aldeia por todo o lado...mesmo ingleses, suecos, espanhóis... gente de Salamanca*” (esta ideia é confirmada também por Pereira (2007, p. 44).. Na Suécia numa edição das Selecções do “*Readers Digest*” saiu uma reportagem sobre a aldeia, que uma visitante sueca mostrou ao sr. Mariano e, porventura, influenciou pessoas estrangeiras no sentido de estimular uma visita ao local. Segundo o mesmo, ainda antes do 25 de Abril começaram a aparecer em Rio de Onor grupos de pessoas portuguesas, alguns estudantes, interessados naquela forma de viver. Gente de cultura e não só. Também apareciam individualidades públicas, dada a ressonância que a aldeia ia tendo e talvez porque o seus usos e costumes começavam a ser reconhecidos como um modelo, ou como uma “memória” e havia que evidenciar determinadas formas de cultura ancestral e popular⁵.... (falou do Eng. Matos; Eng.

⁵ A dada altura o próprio Jorge Dias parece ter reflectido sobre as alterações ocorridas com o conhecimento alargado não previsto, tendendo a aldeia a constituir-se posteriormente mais conhecida pela via de um certo

Carrilho, Fernando Lhano... autoridades locais ou pessoas importantes residentes em Bragança). Por esta altura, e nesta perspectiva, com alguns contornos políticos também, era descoberta a famosa barrista de Barcelos, Rosa Ramalho, que apesar de ser dada a conhecer por António Quadros e a nata cultural na esfera da ESBAP, chegou a ser agraciada por Américo Tomás.

Depois do 25 de Abril vieram ainda mais pessoas, mas a população da aldeia, com todas as suas tradições, tinha diminuído consideravelmente, referiu ainda o senhor Mariano.

É interessante constatar que o reconhecimento das duas aldeias gémeas foi novamente catapultado recentemente, ao nível nacional, não pelo facto das suas vivências e hábitos de cariz comunitário (como aconteceu predominantemente com a análise de Jorge Dias) mas pelo peculiar facto de serem duas aldeias coexistindo particularmente no seio da comunidade económica europeia. Segundo (Pereira, *Ibid.*, 44), a fama das duas aldeias (Riohonor e Rio de Onor) foi incrementada no percurso que se vai fazendo de construção de uma Europa unida. Em 2005 alguém lançou a ideia de fazer desta realidade um caso exemplar: criação da primeira aldeia europeia, cujo nome passaria a ser Rio de Onor de Europa – O projecto parece estar agora adormecido, mas segundo a vontade de muita gente, nomeadamente políticos e gente de cultura dos dois lados da fronteira, tem pernas para andar e poderá um dia ser realidade. Para os residentes elas já formam desde há muito uma coesão e uma autêntica aldeia europeia, ou melhor, uma aldeia internacional.

...

O norte americano chamava-se Eugéne Smith, era um fotógrafo com provas dadas na revista epítome do fotojornalismo moderno, a revista Life, e que conseguiu furar o bloqueio imposto pelo Caudillo Franco de modo a registar na referida aldeia espanhola, com a sua pequena Leica, máquina fotográfica quase insignificante em termos de presença física, coisas que o regime, de modo algum, desejava tornar públicas.

O valor da reportagem fotográfica, denominada “*Spanish Village*” assenta no facto de ter dado a conhecer ao mundo a precariedade em que estava imersa Espanha e Eugéne Smith elegeu aquela aldeia, sabe-se hoje, pelo contraste entre o seu opíparo nome, “Deleitosa”, e a realidade da sua pobreza, frugalidade e abandono, dando assim corpo às directrizes dos editores da revista que abominavam a nação fechada ao mundo que então era Espanha. O seu autor deixou-se, apesar de

floclorismo, que de qualquer outro tipo de forças de atracção, dada a derrocada de muitos dos valores que o autor enalteceu. Pelo que, este, possivelmente não almejaria que Rio de Onor fosse mais conhecida *in situ* do que lhe convém, quando alerta para os perigos da “*aculturação não desejada*” (Macagno)⁵ ou da “*banalização da diversidade através do turismo*” (*Ibid.*). O problema que se pode colocar é que, como diz Harvey (1989 *apud* Raposo, 2010, 77) “A busca de raízes acaba por produzir uma imagem, um simulacro, um pastiche!”.

tudo, imbuir de um marcado esteticismo que confere à reportagem reconhecidas qualidades estéticas a vários níveis de análise e tornam este trabalho no “*mais poderoso estudo fotográfico sobre a Espanha dos anos 50*” contendo “*algumas das melhores e mais famosas fotos documentais já feitas*” como refere e estuda Kolstrup⁶.

Segundo este autor, o poder destas imagens vem da agilidade demonstrada no uso de “*sólidos princípios artísticos envolvendo geometria, luz e interação visual*” entre os participantes representados no quadro compositivo. Caso exemplar é justamente a foto “*Velório de Juan Larra*” ou “*The Wake*”, retratando o velório de um ancião jazente no seu leito de morte e que foi eleita pela revista Life uma das “*100 melhores fotos do século XX*”⁷. Esta e outras imagens da reportagem são colocadas num contínuo cultural que entronca com a tradição das representações clássicas relacionadas com o martírio de Cristo e com os próprios cânones Renascentistas, encontrando, aquele autor, por exemplo, similitudes entre a forma como Mantegna usa a luz e a geometria para dar a impressão do “*descanso eterno...*” de um personagem jazente. Esta reportagem de Smith tornou-se famosa pela força plástica das suas imagens, apesar da miserabilidade do conteúdo retratado. Dela exala necessariamente uma aura típica da denominada fotografia humanista, que tem grandes intérpretes, como Sebastião Salgado nos dias de hoje. As pessoas são vistas como pessoas e não apenas como adereços circunstanciais documentais. São vistas também de um qualquer modo militante face a um propósito que subjaz à obra: Dar a conhecer e impregnar de compaixão⁸ face à condição de determinada forma de existir; quiçá abrir consciências e despoletar acções. A fotografia de cariz humanístico, possui uma vertente de registo documental que pode ser simultaneamente testemunho de aspectos em que os factores humanos prevalecem sobre outros.

Smith era um artista e um homem com preocupações sociais afinadas logo na sua formação inicial de juventude pelo conhecimento de trabalhos que famosos fotógrafos fizeram para a FSA, “*Farm Security Administration*”, engajados estes nas problemáticas despoletadas pela “Grande Depressão” nos USA e, a sua reportagem, praticamente feita só de imagens fotográficas e com aqueles valores plásticos acrescentados, tornou o seu autor famoso, ainda mais do que o livro de Jorge Dias tornou visível e conhecido o seu autor em Portugal. Mas mais importante do que a fama

⁶ Kolstrup, Søren, European and American Press Photography, P:N.12. acedido na WWW em 24 de Março de 2011, em: http://pov.imv.au.dk/Issue_12/section_3/artc3A.html

⁷ Calmado, Miguel Ángel, El Velatorio de Juan Larra, 1951, acedido em 07 de Abril de 2011 na WWW em: <http://laventanadegras.blogspot.com/>

⁸ Calmado (*Ibid.*), diz de Smith que no acto prévio à toma do “Velório de Juan Larra”: “*cuando Smith llegó a este lugar se mostró especialmente compasivo y respetuoso con la familia... cuando apareció el hijo del difunto le preguntó si sería un gesto muy irrespetuoso que entrase a tomar una fotografía. Éste le respondió que sería un honor*”.

obtida por Eugéne Smith, foi a capacidade de mobilização e envolvimento ideológico e até emocional das fotografias impressas que criaram uma tal onda de empatia para com a miserável aldeia espanhola e os seus habitantes que esta se tornou, tão só, a dado momento, uma das aldeias mais conhecida de Espanha, sendo esta também um dos principais destinos turísticos mundiais, com os consequentes acréscimos de rendas para os seus habitantes. A ressonância das 17 imagens que saíram em 10 páginas da revista Life foi de tal ordem que várias vezes a aldeia foi fotografada, replicando como pano de fundo, os ângulos e a perspectiva de Eugéne Smith. Mas nenhuma foi como a primeira. A aldeia em reconhecimento deu o nome de Eugéne Smith a uma das suas ruas e vive ainda, sem dúvida, na esfera da influência daquela reportagem. Justamente no dia 09 de Abril de 2011 a aldeia celebrou com pompa e circunstância a passagem do 60º aniversário da edição da reportagem, à qual não falta uma amostra de fotografia evocativa de um autor actual consagrado.

Smith fez com as suas fotografias não só uma investigação de cariz social como fez um levantamento pungentemente expressivo, nalguns casos sublime, do que eram as condições de vida das pessoas numa aldeia em que a máscara do regime era levantada e aonde se passou a evidenciar o rosto autêntico, sem cosmética, das dificuldades mas também o da partilha e da solidariedade entre os habitantes. Publicaram-se 22 milhões⁹ de exemplares entre a edição original da revista e as reedições. Tais números suplantam qualquer *share* de qualquer televisão actual em todo o mundo com a vantagem de tal produto de comunicação se poder usar, ver e rever a qualquer momento. Era o auge da divulgação da informação por esta via, essencialmente com imagens. A revista “VU”, “Paris Match”, o nosso “Século Ilustrado” são honrosos exemplares. Um misto de *voyeurismo*, um misto de humanismo, um misto de ânsia de coisas bem narradas e mostradas levava as pessoas a comprar estas revistas, e mais – levava as pessoas, múltiplas vezes, a participar a intervir no próprio cenário do que era mostrado: Uma pobre criança brasileira que no princípio dos anos sessenta sustentava a numerosa família, nomeadamente os pais, com o seu empenho e resistência extraordinárias e cuja vida foi exposta numa reportagem pelo fotógrafo Gordon Parks, visitou os Estados Unidos e teve assistências financeiras de leitores que conduziram à resolução de problemas primários dessa família. Múltiplos casos que não vou aqui expor. Com Deleitoso conta-se uma história, narrada em Calmado¹⁰: a paixão que levou um norte-americano a endossar repetidamente compromissos de amor e propostas de casamento à jovem (Josefa Larra) da célebre fotografia do

⁹ Rodrigues, Manuel, Eugéne Smith, Spanish Village, 1950, acedido na WWW em 30 de Março de 2011 em: C:\Documents and Settings\jmorais\Ambiente de trabalho\CONGRESSO APECV\El Ángel Caído - W_ Eugene Smith - Comentario.mht

¹⁰ Calmado, Miguel Ángel, El Velatorio de Juan Larra, 1951, acedido em 07 de Abril de 2011 na WWW em: <http://laventanadegras.blogspot.com/>

velório de um ancião. Ao que se sabe esta nunca respondeu afirmativamente... nem nunca casou. Mas Deleitosa passou a andar nas bocas do mundo, até atingir a condição de ícone.

....

Sem pretendermos efectuar qualquer tipo de análise sociológica comparativa na senda de determinar as consequências posteriores mais positivas e menos positivas num caso e noutro perante os acontecimentos de estranhos que alteraram os ritmos de cada uma das aldeias, apenas pretendemos tornar claro que no período moderno a capacidade de mobilizar pessoas, de comunicar a partir das imagens, neste caso fotográficas, num fito documental e de exercício expressionístico e artístico conseguiu dar maior e mais rápida visibilidade a uma das mais insignificantes aldeias espanholas, tendo o criador da reportagem tão só permanecido um mês em contacto com o povo, enquanto que no caso do escritor português, apesar de marcante o seu legado, e reconhecido na propagação novidosa de uma também ignorada aldeia, foi necessário permanecer em contacto regular e constante com o povo durante mais de um ano, sendo que a sua “fama”, mesmo se alargada a um nível de ícone quase folclórico, que aliás repugnava a Jorge Dias, foi-se construindo mais lentamente. A aldeia portuguesa lucrou directamente com a publicitação do livro mas nem de longe nem de perto tanto quanto a reportagem “*Spanish Village*” de Eugéne Smith, que catapultou a aldeia para um conhecimento alargado à escala mundial.

Sem querer retirar qualquer influência ao próprio e inconfundível carisma que cada um dos autores possuía, cada um na sua forma humana e social de estar e se manifestar, ao seu prestígio também, parece que foi a força da mensagem estruturada, bem como naturalmente a singularidade do conteúdo relatado que se fizeram arautos e causa do que posteriormente aconteceu às duas aldeias. É um facto, que a aldeia espanhola foi catapultada para a fama mais rapidamente, porque a mensagem visual forte e eficaz, é mais emocional, mais activa, talvez mais irracional mas não menos mobilizadora em muitos e honrosos casos (vejamos o caso recente das imagens efectuadas a partir da prisão de Abu-Graibh¹¹ e reveladoras de sevícias a soldados iraquianos, que tiveram enorme repercussão no desenrolar posterior da denominada 2ª Guerra do Golfo).

Por isso aqui queremos deixar o desafio de voltar a deixar outra vez a questão – está claro que um texto, no sentido lato e moderno do termo, feito prioritariamente de imagens pode ter uma influência tão grande ou maior que um texto convencional escrito, ainda que este seja de inquestionável mérito. As imagens tanto podem ser de uma grande frivolidade e de consumo

¹¹ Entre muita publicação escrita, televisionada e radiodifundida ver, por exemplo o eloquente artigo de Carter, P. “*The Road to Abu Ghraib*”, no jornal Washington Montly, de 04 Novembro de 2004, consultado a 05/03/2011, em: <http://www.washingtonmonthly.com/features/2004/0411.carter.html>

imediatamente como possuem uma capacidade de impregnação nas mentalidades que ultrapassa o simples efeito de exibição para alcançar o de construção, conformação de ideias que persistem no tempo, nomeadamente no imaginário colectivo e com capacidade para ajudar a criar raízes tão necessárias à questão da identidade e cultura, que é o mote deste nosso encontro. Por outro lado e como diz Rodriguez¹² “*As reportagens com opinião do fotógrafo são intemporais ... e a fotografia continua a ter o valor de reflectir a realidade*”.

...

A identidade faz-se de memórias. Estas são podem formar raízes. Aqui fica o meu legado na forma de testemunhos que ouvi de meus conterrâneos transmontanos, relacionados com Jorge Dias, o autor da primeira obra:

Como Jorge Dias chegou à aldeia de Rio de Onor (alguns testemunhos locais sobre o estudioso português).

O que narro a seguir foi-me testemunhado ainda pelo senhor Mariano que, como referi, conheceu em pessoa o próprio Jorge Dias:

No Verão de 1944, mais concretamente no dia de S. João, calhou Jorge Dias calcorrear a aldeia e ficou impressionado com a animação observada no baile com a música de gaita de foles e caixa (tamborete) em que cerca de 40 pares portugueses e espanhóis se divertiram no largo aonde se situa o actual parque de campismo (à entrada da aldeia, quem vem de Bragança). Tal encontro deve ter sido decididamente marcante o que terá pesado provavelmente, pela ênfase dada pelo sr. Mariano, na opção de ser ali que o mesmo iria fazer os seus estudos. É interessante a analogia que existe entre os encontros aparentemente quase fortuitos quer no caso do português, quer no do fotógrafo americano e que parecem ter pesado na escolha da aldeia a eleger para estudo (na verdade não é totalmente assim, mas isso dava outras histórias...).

Aquela pujança festiva e autenticidade observada em variados pontos de vista, nomeadamente nos trabalhos e actividades, confirmada posteriormente, terá sido incrementada por factores interessantes que, como nos contou o sr. Mariano, tiveram a ver um pouco com alguns aspectos que interessa registar: A rusticidade laboral que ia de encontro também a modos de proceder ancestrais era, exactamente por aquela altura (fins dos anos 40 do século passado), acrescentada pelo facto de “*não existir na aldeia, qualquer tipo de máquina auxiliar para os trabalhos rurais operativa*”. Uns

¹² Rodriguez, Manuel. Eugéne Smith, “Spanish Vaillage” acedido em 08 de Abril de 2011 na WWW: <http://www.Elangelcaído.org/fotografos/esmith/esmithcom.html>

lampejos de modernidade, tinha tido a aldeia, e uma das primeiras na região, segundo o sr. Mariano, quando, ainda antes da segunda guerra mundial, conseguiu adquirir comunitariamente uma malhadeira (que era guardada na “*Casa do Santo*”, pertença da igreja e com o respectivo motor movido a derivados do petróleo). Acontece que, por esta festa em que Jorge Dias esteve em Rio de Onor, houve grandes racionamentos de gasolina, provocados pela guerra e seus efeitos, e a máquina deixou de operar. Com este incidente a malha do cereal da aldeia voltou a ser feita à mão, ao malho, e a animação era enorme. Com os trabalhos da malha havia grande convívio e participação conjunta nas tarefas. Muito e bom vinho era servido para animar e refrescar no calor do Verão, bem como bacalhau à espanhola cozinhado em caldeira, servido mais ou menos a 20 ou 30 pessoas de cada vez durante 2 ou três dias por família e consoante a duração das malhas. Igualmente presunto e salpicão era disponibilizado bem como outras coisas boas que as famílias reservavam para esta altura e a alegria e partilha eram grandes. Testemunhando tudo isto diz assim o próprio Jorge Dias no prólogo da sua obra (*ibid.* pág. 12) “*Álvaro Dias de Almeida foi o primeiro que comigo veio a pé, de Bragança até à pequena aldeia raiana, e aí assistiu à festa mais extraordinária da minha vida: o S. João de 1944*”...

Que pena foi não ter fotografado tão impressionante e determinante dia e, já agora, se me permitem, com a mestria semelhante à do autor americano... (perdoe-me aquele). A este propósito o sr. Mariano não se lembra de Jorge Dias usar qualquer instrumento de registo para as suas observações, nomeadamente máquina fotográfica ou cadernos de anotação. Pensa, no entanto, que terá usado um qualquer método dado o pormenor dos seus registos no seu livro. Jorge Dias, um inovador, mas que não conhecia ainda os métodos daquilo que começava a configurar-se mais sistematicamente noutros países e se denominaria, por “antropologia visual”.

Seja como for, ficou uma obra que foi um início, uma descoberta e o levantamento de uma realidade que ajudou a configurar melhor a nossa própria identidade.

Jorge Dias e o cargo de Ministro da Educação

Em jeito de um último testemunho escrito permitam-me narrar aqui o que me contou o saudoso sr. Manuel Evangelista Pires da aldeia do Parâmio, ex guarda fiscal do posto de Vilarinho de Cova de Lua, aldeia a que o antropólogo também alude, na sua obra, aonde dá simultaneamente conta do interesse do estudioso por uma área grande da região transmontana em articulação com o estudo principal: Ambos eles eram aficionados à pesca e à caça, que aqui se manifestava em abundância e, múltiplas vezes, foram camaradas de jornadas nesse entretenimento e forma de subsistência, diga-se (não havia camiões frigoríficos nem talhos ao virar da esquina). Um belo dia, estando os dois a merendar após a caminhada da manhã, um Volkswagen preto, como costumavam ser algumas das

viaturas oficiais da altura, conseguiu romper até ao morro e chegar junto deles. Um *chauffeur* fardado fez sinal à parte a Jorge Dias e entregou-lhe uma carta, afastando-se de seguida. Após ter lido e regressando ao convívio do acompanhante, diz Jorge Dias para este: “*Sabes Manel, esta carta era do “outro” a convidar-me para Ministro da Educação*”. Claro que se referia a um convite formal e explícito do líder do Estado Novo, Salazar, para Jorge Dias ocupar o referido cargo. Os comentários, mais determinados do que evasivos, de Jorge Dias para o seu compincha, naquele local, foram expressos mais no sentido de que não aceitaria o cargo do que o contrário e tanto quanto se sabe, Jorge Dias nunca teve cargo de tal relevo em articulação directa com o regime político desse tempo. À parte as questões ideológicas importantes preferia ser um operacional da cultura mais do que um homem de gabinete. Fique claro também que era um estudioso de grande competência afirmando Saraiva (2011, p.1)¹³ que “*Jorge Dias foi “a figura dominante da antropologia em Portugal*”. Para o mesmo parecer concorre Raposo (2010, p.51)¹⁴. Quanto às causas do convite talvez se possa reflectir no que refere Macagno (*ibid.*100) alertando para o “*isolamento teórico da antropologia em Portugal, na altura do salazarismo*” referia-se, naturalmente ao isolamento político – Talvez que afastando o estudioso dos locais de aonde certas evidências ocorriam, fosse menos incómodo e mais adequado para o regime. É interessantíssimo cotejar este episódio com aquele outro, mais célebre e conhecido, que se relata da própria reportagem “*Spanish Village*” em que, após quase um mês de levantamento e trabalho na aldeia de Deleitosa, Eugéne Smith foi assediado por um pequeno corpo de guarda de carabineiros, encomendados de o “convidar” a bem ou à força, a ausentar-se da aldeia e do país. Como réplica, e antes de cumprir a ordem, Smith registou os três carabineiros com os seus chapéus tricórnios de lata obtendo aquela que seria, juntamente com a do ancião jazente, uma das mais conhecidas fotografias da reportagem, e que pode constituir-se como algo paradigmático da própria.

Como anexos permitam-me mostrar-vos um conjunto de fotografias dos anos 90 do século passado, da minha autoria, dando nota de alguns aspectos da aldeia de Rio de Onor e de suas gentes.



¹³ Saraiva, Clara,(2008) ANTÓNIO JORGE DIAS (1907-1973): 100 ANOS DE ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL, E-Boletim da Sociedade Portuguesa de Antropologia, Nº 4.

¹⁴ Raposo, Paulo (2010). Por Detrás da Máscara. Ensaio de antropologia da performance sobre os caretos de Podence. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.



